

Crítica do discurso da sustentabilidade global

IARA MARIA DA SILVA MOYA

É lícito dizer que o futuro são muitos; e resultarão de arranjos diferentes, segundo nosso grau de consciência, entre o reino das possibilidades e da vontade.

Milton Santos

Introdução

Milton Santos, ao fazer a crítica da globalização, considera a existência de três mundos em um só. Da mesma maneira entende-se que, na medida em que a sustentabilidade é a face reversa da globalização, a sustentabilidade global também envolve três discursos em um só. Em um exercício de fabulação a sustentabilidade global é apresentada como solução, salvação do mundo, mas esse discurso, de fato, encobre o grande problema da atualidade, sua danação, a efetiva insustentabilidade do mundo atual, sendo exemplos o aquecimento global e as mudanças climáticas e uma pegada ecológica global que compromete os recursos do planeta.

Mas, uma outra globalização é possível, então, também se pode dizer que, para além da chamada salvação e da efetiva danação do mundo, um outro mundo é possível e escolher seguir um novo caminho, uma outra sustentabilidade. Uma sustentabilidade que está na

dimensão das pessoas e das relações com o outro e que, dessa maneira, faz-se presente na categoria dos direitos sociais e da cidadania.

Este artigo apresenta parte do trabalho elaborado na tese de doutoramento desta autora que teve como objetivo, no âmbito da comunicação organizacional, avaliar criticamente o discurso da sustentabilidade global e seu repasse local nas organizações e ponderar sobre o caráter estratégico da interface da comunicação com a sustentabilidade.

Na perspectiva epistemológica, a adoção do pensamento crítico considera a produção do discurso como vinculada às condições de existência, e, por isso mesmo, com base na dinâmica dialética, o discurso pode ser um agente de mudança e promover novas maneiras de viver. No nível metódico, o trabalho foi desenvolvido em quatro veredas: a pesquisa bibliográfica, sobre os temas da comunicação organizacional, do discurso e da sustentabilidade; a pesquisa documental sobre o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade, incluídos aí os documentos produzidos nas conferências das Organizações das Nações Unidas (ONU), e os relatórios de suas agências e grupos de trabalho; a pesquisa empírica, realizada por meio eletrônico junto a empresas, e a pesquisa de dados secundários por meio de consultas a estudos de mercado sobre sustentabilidade realizados junto a grandes empresas do Brasil.

Neste texto objetiva-se apresentar a crítica do discurso da sustentabilidade global, a partir da adoção de Milton Santos como inspiração. O trabalho é apresentado em cinco partes, sendo que a primeira trata de Milton Santos, globalização e a existência de três mundos em um só; a segunda parte aborda a sustentabilidade e explicita a ideia de três discursos em um só; a terceira parte desenvolve a sustentabilidade como solução, salvação do mundo; a quarta parte faz a crítica desse discurso e desvela a sustentabilidade como problema, danação do mundo e a quinta parte reflete que uma outra sustentabilidade é possível.

Milton Santos, globalização e a existência de três mundos em um só

Milton Santos em sua obra “Por uma outra globalização, do pensamento único à consciência universal”, de 2.000, desenvolve a crítica da globalização. Por meio de um exercício dialético explicita a relação entre o global e o local, questão fundante no entendimento da vinculação entre globalização e sustentabilidade. A globalização tornou central a questão do espaço, na medida em que agrega e confronta o global e o local, o mundo e o lugar, especialmente para o Brasil, que está ao sul das grandes economias, “um território nacional da economia internacional”. (SANTOS, 2001, p.38).

O autor apresenta o conceito de três mundos em um só: o primeiro, o mundo tal como nos fazem vê-lo, a globalização como fábula; o segundo, o mundo como ele é, a globalização como perversidade; e o terceiro, o mundo como ele pode ser, a possibilidade de uma outra globalização.

Sustentabilidade: três discursos em um só

A sustentabilidade é assunto em pauta desde os anos 1.990, com a realização pela Organização das Nações Unidas, da conferência de 1.992, no Rio de Janeiro, a Rio-92, e, em 2.002, a conferência de Joanesburgo. Mas foi a Conferência Rio+20, em 2012, que deu visibilidade mundial ao tema.

Com diversos entendimentos, sentidos e interpretações, muitas vezes conflitantes (KUNSCHE et al, 2014), a sustentabilidade pode se apresentar como prática e como discurso. Na perspectiva miltoniana, a sustentabilidade enquanto prática, situa-se no contexto da técnica, e é efetivada na dimensão local. Por sua vez, a sustentabilidade global se dá na dimensão global e situa-se no contexto da política, sendo discurso. O discurso é produzido por um sujeito e esse sujeito tem uma ideologia. Conforme Orlandi afirma, (2013, p.28) “não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia”. Nesse sentido, esse discurso antecipa o real concreto e o representa, isto é, o re-apresenta. (CHAUÍ, 2003).

No relatório “Povos resilientes, planeta resiliente: um futuro digno de escolha” (indicado daqui em diante como POVOS, 2012) a expressão “sustentabilidade global” é adotada, e é afirmado que, em sua visão de longo prazo, para além do equilíbrio dos chamados pilares do desenvolvimento econômico, social e ambiental, a sustentabilidade global inclui também a erradicação da pobreza, a diminuição da desigualdade, o crescimento inclusivo, a produção e consumo mais sustentáveis, o combate à mudança climática e o respeito aos limites do planeta.

Na medida em que a sustentabilidade é a face reversa da globalização, tal como está, a sustentabilidade global envolve três discursos em um só. A sustentabilidade global é apresentada como solução, salvação do mundo, mas esse discurso salvacionista escamoteia o grande problema do mundo atual, sua danação, isto é, sua efetiva insustentabilidade.

A sustentabilidade como solução, salvação do mundo

O mundo atual demanda o exercício de fabulações, como disse Milton Santos (2001). Com a divulgação do relatório “Nosso Futuro Comum” (BRUNDTLAND et al, 1991), também chamado de Relatório Brundtland, configura-se o discurso da sustentabilidade global como

solução, salvação do mundo. A expressão “desenvolvimento sustentável” foi primeiro utilizada no Relatório Brundtland sendo apropriada pela Conferência Rio-92 bem como pela ONU. Segundo Becker (apud DO LAGO, 2006, p.56) a expressão vincula dois discursos em crise, do desenvolvimento e do meio ambiente, e, conforme diz “tem a promessa de um possível resgate dessas crises”.

Na Conferência é proposto e integralmente aceito e adotado o conceito de desenvolvimento sustentável na perspectiva intergeracional: “desenvolvimento sustentável é o desenvolvimento que atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender suas próprias necessidades”. (BRUNDTLAND et al, 1991, p.56). Também é formalmente adotado o conceito de que o desenvolvimento sustentável deve responder ao *triple botton line*, ao equilíbrio de seus três pilares: econômico, social e ambiental, “um novo paradigma para o crescimento econômico, igualdade social e sustentabilidade ambiental”. (POVOS, 2012, p.9).

Ainda, as conclusões do Relatório apontaram para uma vinculação entre a escassez de recursos naturais e o aumento da pobreza mundial, em um ciclo vicioso que liga os problemas ambientais, entendidos como poluição do mundo, à pobreza, o que significa a responsabilização dos pobres pela degradação dos recursos naturais. E a partir daí, torna-se necessário buscar reduzir a pobreza para mitigar o dano ambiental. Segundo Do Lago (2006, p.64): “o Relatório Brundtland [...] chegou no momento em que se fortalecia nova fase de atribuição de todos os males aos países em desenvolvimento ou aos países do bloco socialista”.

A sustentabilidade como problema, dano do mundo

Para Milton Santos (2001), o mundo globalizado, apresentado como fábula, esconde o mundo concreto em que a globalização efetivamente se mostra perversa. De modo semelhante a sustentabilidade, apresentada como solução, salvação do mundo tem, por trás, concretamente, um mundo de problemas. A sustentabilidade como solução tem seu discurso instituído em três pontos: a responsabilização dos pobres pelas más condições ambientais do planeta; a defesa da harmonia entre economia, ambiente e sociedade; e o legado de um mundo capaz de responder às necessidades das futuras gerações.

Um olhar crítico sobre esse discurso já desvela como fundamento material a globalização, produtora de grande parte dos problemas atuais da insustentabilidade global, bem como da temida pobreza. A vinculação entre globalização e sustentabilidade resulta de um modelo econômico que busca, incessantemente ampliar mercados, e para isso requer a intensificação dos padrões de produção e consumo, o que tem como consequência o

aquecimento global, dado o uso de combustível fóssil, e uma pegada ecológica que já não consegue fazer frente ao que é demandado do planeta.

A própria ONU assume a desigualdade da distribuição dos benefícios e dos custos da globalização na Declaração do Milênio de 2000: “se é certo que a globalização oferece grandes possibilidades, atualmente os seus benefícios, assim como os seus custos, são distribuídos de forma muito desigual”. (UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION, 2001, p.4). O G-7, grupo da ONU dos países mais ricos do mundo soma 10% da população mundial, mas detém 45% da riqueza do mundo. E na questão da produção de GEE - gás de efeito estufa, os 11% mais ricos do planeta respondem por 50% das emissões, enquanto 50% da população mundial responde por apenas 11%. (POVOS, 2012).

A análise da desigualdade mundial desvela que não é a pobreza, isto é os países pobres, que respondem pela degradação intensiva do planeta, mas sim os ricos. Nesse sentido, o discurso da sustentabilidade global que se apresenta como solução, salvação do mundo, ao atribuir aos pobres a causa da degradação ambiental, isto é, ao estabelecer que a escassez de recursos naturais resulta da pobreza mundial, afirma-se como exercício de fabulação, ideologia que reproduz e mantém a globalização atual.

Um outro ponto do discurso da sustentabilidade global é a proposição da harmonia entre os três pilares, o econômico, o ambiental e o social. Na perspectiva do pilar econômico, o que se tem é um modelo econômico falido com crises econômicas e financeiras frequentes como reconhece o PNUMA (2011); enquanto o relatório citado, “Povos resilientes, planeta resiliente: um futuro digno de escolha” (2012) fala da necessidade de mudança urgente do paradigma econômico vigente, e defende a necessidade de “uma nova economia política para o desenvolvimento sustentável”. (POVOS, 2012, p.20). No pilar social, os desequilíbrios sociais mostram um mundo cheio, com mais de 7 bilhões de pessoas, onde a distância entre os países ricos e os países pobres só aumenta, desigualdade que se mostra como uma questão de justiça social, a começar pela questão da fome, pois apesar da produção suficiente de alimentos, cerca de uma em cada seis pessoas no mundo sofre com a falta de alimentação.

No pilar ambiental, os serviços ecossistêmicos, o capital natural, base para a sustentação da vida no planeta, mostram sinais de exaustão, em razão de uma pegada ecológica resultante do modelo econômico que atualmente requer um planeta e meio (INPE, 2015) para sustentar os padrões de produção e consumo de apenas uma parcela da população mundial. A ação do homem sobre o planeta leva ao reconhecimento de uma nova era geológica, o Antropoceno (BOFF, 2012). Em dimensão planetária, a discussão da sustentabilidade, ao avaliar os limites do planeta indica que, das nove fronteiras, processos do sistema-Terra

pressionados pela ação humana, três delas já foram cruzadas. A mudança climática, resultante do aquecimento global mostra-se hoje a maior ameaça à vida na Terra, com o risco do fim da espécie. (POVOS, 2012). Evidencia-se assim, a insustentabilidade dos três pilares, incompatível com o discurso da sustentabilidade global, que se apresenta como solução, salvação do mundo, ao propor a harmonia, o equilíbrio entre os três pilares, econômico, social e ambiental.

O terceiro ponto do discurso da sustentabilidade global defende a garantia de acesso das futuras gerações aos mesmos recursos disponíveis às gerações anteriores. Esse discurso, nesse sentido, não tem credibilidade, na medida em que, por tudo o que já foi aqui dito, não é mais possível garantir às gerações futuras os recursos naturais até há pouco ainda disponíveis.

Dessa maneira, a crítica do discurso da sustentabilidade global como solução, salvação do mundo mostra, de fato, como visto no seu reverso, a sustentabilidade como problema, danação do mundo, quer dizer, uma sustentabilidade impossível.

Um outro mundo é necessário, uma outra sustentabilidade é possível

Um outro mundo é necessário, uma outra globalização é possível, um outro mundo é possível, conforme Milton Santos (2001). Nesse sentido, fica a questão: afinal, qual é o discurso da sustentabilidade capaz de ser agente de mudança, capaz de mobilizar para novas maneiras de viver?

Essa reflexão caminha no aprendizado com outras sustentabilidades, como a Carta da Terra; no entendimento da sustentabilidade global na relação Mundo e Lugar; e na elaboração da comunicação como estratégia possível de sustentabilidade.

A Carta da Terra, com a mesma raiz do discurso salvacionista da sustentabilidade global, apresenta, entretanto, uma outra leitura de mundo, do momento da Terra, do modo de ser e estar no mundo, e propõe que ser é ser com o outro no mundo (e não ser contra o outro no mundo), e que o outro inclui aí o outro humano, toda forma de existência, a Natureza, a vida e a história, o cosmos. Esse é o prenúncio de uma nova sustentabilidade, que se dá em relação. Conforme o texto inicial: “para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade de vida e com as futuras gerações”. (CARTA DA TERRA, 2000, PREÂMBULO).

O lugar é onde se vive a vida, o cotidiano. É onde está a família, o trabalho, parentes, amigos, conhecidos, as relações. É necessário assumir nossa localização no mundo, nosso lugar. Não se pode controlar o mundo, mas pode-se agir no local, no lugar, no nosso lugar,

e por esse modo, agir no mundo. Só se pode ser cidadão no lugar. Cidadania, como prática política, vem de pólis, cidade. Cidadania é participação; uma exigência do viver em comum; é o cuidado com seu próprio lugar, requer a apropriação do lugar, e por meio dessa apropriação, descobrir suas próprias riquezas, descobrir-se. Cidadania e democracia têm um processo de contínua alimentação, onde o conflito é a própria constituição da democracia. A democracia pressupõe cidadania e esta se amplia na democracia. Se na democracia a luta é pelos direitos políticos, na cidadania se configuram os direitos sociais. (CHAUÍ, 2012). É na pólis, na instância do local, que ocorre a comunicação. A democracia se faz pelo discurso. É direito do cidadão dar sua opinião publicamente, debater, discutir. E o cidadão ao expor suas idéias, ao torná-las públicas, produz a si mesmo enquanto cidadão, e o seu discurso, no embate e no diálogo, constrói um entendimento que se configura como coletivo, que se torna comum a todos. A comunicação, assim, se faz enquanto exercício de cidadania. (MOYA, 2016).

É nesse contexto que a AMI, Alfabetização Midiática e Informacional, elaborada pela UNESCO (2013), toma lugar, ao propiciar o aprendizado que possibilita aos cidadãos fazerem as melhores escolhas e assim tomarem as melhores decisões, ao considerar que “as mídias e outros provedores de informação [...] são também os meios pelos quais as sociedades aprendem sobre elas mesmas, mantêm discursos públicos e constroem um sentido de comunidade”. (UNESCO, 2013, p.16). Nesse sentido a UNESCO (2013) defende que, é no conhecimento sobre mídias e sistemas de informação abertos que se fortalece a cidadania resultando em democracia e boa governança.

Talvez, mais que grandes revoluções, o local, o lugar seja o palco das mudanças. A mudança é necessária e urgente, já se sabe. O processo social, em contínua atuação, promove o surgimento de novas condições, que podem ser oportunidades para a mudança, janelas do possível. A estratégia, enquanto estratégia de sobrevivência, ou estratégia de vida, nasce do possível; e é o que constitui a vida das pessoas, a partir das suas necessidades, elaborada e desenvolvida junto com o outro. É essa estratégia que supera o pensamento único e percebe as possibilidades das circunstâncias existentes e que, por meio da liberdade, e com base nas ações por elas suscitadas, permite criar novas realidades.

Estratégia e comunicação andam juntas; a comunicação presente em sua origem. A estratégia é uma construção conjunta de sentido e de futuro e a comunicação, o discurso, pode ser um agente de mudança e promover novas maneiras de um viver sustentável. Frente a insustentabilidade global da atualidade, a comunicação é a estratégia possível, o caminho para a sustentabilidade. Sustentabilidade que é possível enquanto relação com o outro, inscrita na categoria da cidadania, do fazer em comum. É a comunicação, enquanto estra-

tégia possível de sustentabilidade, que nos leva do discurso da sustentabilidade global ao exercício da sustentabilidade enquanto cidadania local.

Considerações finais

Em uma perspectiva crítica, embasada no pensamento dialético, a conclusão, o terceiro movimento, a síntese, é apenas uma parada, uma totalidade que se configura por um momento, para se tornar em seguida nova possibilidade, mais uma vez a ser transformada em real, por meio do agir e da liberdade.

Desta parada, novos possíveis se delineiam: o entendimento da sustentabilidade como relação, o que significa que somos responsáveis uns pelos outros, pela comunidade de vida e com as futuras gerações; a apropriação do lugar, o agir no lugar e, por esse modo, agir no mundo; o exercício contínuo da cidadania e da democracia, por meio da luta pelos direitos políticos, e pelos direitos sociais; a defesa do direito do cidadão expressar-se publicamente e, desse modo, construir um entendimento coletivo, comum a todos, capaz de identificar o possível e mudar a realidade.

Referências

A CARTA DA TERRA. Disponível em www.cartadaterrabrasil.org/prt/text.html#. Acesso em 04/03/ 2013.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BRUNDTLAND, G. H. *et al.* **Nosso futuro comum**. Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1991.

CHAUÍ, Marilena. Democracia e sociedade autoritária. In **Comunicação & Informação**, v. 15, n. 2, jul./dez. 2012, p.149-161.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Atica, 2003.

CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (Rio+20). **O futuro que queremos**. Documento final da Conferência, 2012. Disponível em <http://www.onu.org.br/rio20/documentos/>. Acesso em 22/06/2012.

DO LAGO, André A. C. **Estocolmo, Rio, Joanesburgo.O Brasil e as três conferências ambientais das Nações Unidas**. Brasília: Ministério das Relações Exteriores/ FUNAG, 2006.

INPE - INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS. Disponível em <www.inpe.br>. Acesso em 20 de setembro de 2015.

KUNSCH, Margarida M. K. Et al. **Políticas e estratégias de comunicação na gestão da sustentabilidade nas organizações públicas e privadas**. Relatório técnico-científico de Projeto

de Produtividade em Pesquisa – PQ. CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. São Paulo, 2014.

MOYA, Iara M. S. **Crítica do discurso da sustentabilidade global: a comunicação como estratégia possível**. Tese de doutorado. São Paulo:USP, 2016. Orientadora: Profa. Dra. Margarida M.K. Kunsch. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-14092016-114606/>

ORLANDI, Eni P. Discurso científico e interpretação: uma questão para o cientista. In OLIVEIRA, Ivone de Lourdes. MARCHIORI, Marlene. (orgs.). **Comunicação, discurso, organizações**. São Caetano do Sul, SP: Difusão Editora, 2013.

POVOS RESILIENTES, PLANETA RESILIENTE: UM FUTURO DIGNO DE ESCOLHA. Relatório do Painel de Alto Nível do Secretário Geral das Nações Unidas sobre Sustentabilidade Global. Nova York: Nações Unidas, 2012. Disponível em <<http://www.onu.org.br/docs/gsp-integra.pdf>>. Acesso em 15/05/2012.

PNUMA - PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O MEIO AMBIENTE. **Relatório das disparidades nas emissões de 2010**. Disponível em: <http://pnuma.org.br>. Acesso em 20 de abril de 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

UNITED NATIONS MILLENNIUM DECLARATION. **Declaração do milênio**. DPI/2163 - Portuguese – 2000. Lisboa: United Nations Information Centre, 2001. Disponível em <<http://unric.org>>. Acesso em 03 de abril de 2012.

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. **Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores**. Carolyn Wilson, Alton Grizzle, Ramon Tuazon, Kwame Akyempong e Chi-Kim Cheung. – Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

A AUTORA

IARA MARIA DA SILVA MOYA - Doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, email: iaiamoya@usp.br